



DÊIXIS: CONSTRUINDO UM PASSEIO TEÓRICO



DEIXIS: BUILDING A THEORETICAL TOUR

Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira SANTOS
Universidade Federal do Piauí, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AUTORA](#)
RECEBIDO EM 24/08/2021 • APROVADO EM 25/03/2022

Resumo

No arcabouço teórico da Linguística Textual, o estudo da referenciação e dos processos referenciais tem se destacado. A referenciação é a construção dos referentes em decorrência da interação que acontece entre enunciador e interlocutor na situação comunicativa. Os processos referenciais constituem importantes componentes para a coerência e coesão textual. A dêixis, como tal, ao mostrar os referentes no discurso baseado no direcionamento que o enunciador dá, possibilita o resgate do objeto de discurso. A intenção deste trabalho teórico é mostrar, partindo de uma pesquisa bibliográfica em Cavalcante (2000, 2011) e Ciulla (2002, 2008), o relativo consenso quanto ao conceito e aos tipos dêiticos existentes. Destaca-se que apesar de haver divergências, há substancialidade no que se refere à classificação dêitica canônica.

Abstract

In the theoretical framework of Textual Linguistics, the study of referenciation and referential processes has stood out. Referenciation is the construction of referents as a result of the interaction that takes place between the speaker and the interlocutor in the communicative situation. Referential processes are important components for textual coherence and cohesion. The deixis, as such, by showing the referents in the discourse based on the direction given by enunciator, enables the rescue of the discourse object. The

intention of this theoretical work is to show, based on a bibliographical research in Cavalcante (2000, 2011) and Ciulla (2002,2008), the relative consensus on the concept and the existing deictic types. It is noteworthy that although there are divergences, there is substantiality regarding the canonical deictic classification.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Referenciação. Dêixis. Tipos de dêixis.

Keywords: Referenciation. Deixis. Types of deixis.

Texto integral

Introdução

Os estudos sobre referenciação na Linguística Textual ganharam destaque nos anos 1990, com trabalhos como o de Mondada e Dubois (1995), que foram as primeiras pesquisadoras a utilizar o termo referenciação. A referenciação é uma atividade de construção de referentes, apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais (CAVALCANTE, 2011). Ou seja, no discurso os referentes são (re)formulados. Esta ideia promoveu a reflexão sobre o estudo dos processos referenciais, entre eles a dêixis, e o avanço do estado da arte.

Os processos referenciais constituem importantes elementos para o estabelecimento da coerência e coesão textual, daí a importância de reconhecê-los para fazer bom uso de uma ferramenta indispensável na linguagem, que é o texto. A dêixis, um fenômeno cuja definição vem desde Bühler (1950), consiste no ato de mostrar ou indicar o referente através de expressões referenciais na situação comunicativa tendo como origem: o enunciador, seu tempo e espaço.

O objetivo deste trabalho é, a partir das pesquisas realizadas principalmente por Cavalcante (2000, 2011) e Ciulla (2002, 2008), mostrar o estado da arte do processo dêitico com sua definição e a classificação existente. Para tanto, adotamos a classificação abordada por Cavalcante (2011). Discorreremos, nesse trabalho, inicialmente, sobre o conceito de dêixis e a seguir sobre os tipos dêiticos.

1 O processo referencial da dêixis

A palavra “dêixis” é de origem grega e significa “mostrar, apontar”. Pode-se afirmar que sua característica mais marcante é a subjetividade, tendo em vista que nesse processo referencial, os objetos do discurso dependem, basicamente, da perspectiva do enunciador. Sendo mais específico, as noções de pessoa, tempo e espaço constituem a origem e vão situar o enunciador e/ou o interlocutor ao longo da interação que se dá no discurso. Cavalcante (2000, p. 141) afirma que a dêixis é “o fenômeno subjetivo por excelência”. São expressões que têm significado estável, porém mudam de referência dentro da situação enunciativa.

Faz-se interessante citar o limite tênue que existe entre os processos referenciais anáfora e dêixis, o que é visto por alguns autores, a exemplo de Cavalcante (2004), como um “caráter movediço” devido ao hibridismo que há em certas situações. Isso ocorre porque tanto a anáfora quanto a dêixis tem a capacidade de resgatar referentes do co(n)texto. Porém, Cavalcante (2011) enfatiza que quando se trata de dêixis textual, há sempre a ocorrência simultânea de dêixis e anáfora, ou seja, são processos referenciais híbridos.

Cavalcante (2000), seguindo a trilha de Lahud (1979), ratifica o caráter simbólico e indicial da dêixis. Ela explica que são símbolos por terem significado convencional e serem decodificados na língua e índices por apontarem características que mudam conforme da situação comunicativa já que os referentes são construídos no discurso.

A dêixis, na vertente enunciativa, é um fenômeno geral que não pode ser adequadamente descrito sem que os signos sejam referidos ao emprego que o sujeito deles faz. De outra forma, para Benveniste os dêiticos não apenas descrevem uma relação entre enunciado e enunciação, mas são elementos que permitem ao sujeito que enuncia, num dado momento, instaurar a relação do enunciado a si próprio. (FLORES *et al.* 2008, p. 165).

O enunciador tem um papel fundamental nessa perspectiva, pois são os usos que o sujeito fará dos elementos disponíveis que constituirão os objetos de discurso na situação comunicativa. Conseqüentemente, os dêiticos estabelecem uma relação com os referentes.

Para Bühler (1950), o primeiro a definir dêixis, as expressões dêiticas estão no campo dêitico da linguagem que tem origem no enunciador, no local e no tempo da enunciação. Por outro lado, há também o campo simbólico que consiste no significado das palavras. O autor pontuou que a própria percepção do sujeito e o uso dos elementos dêiticos variava conforme sua orientação visual (e as advindas dos demais órgãos de sentido). O significado das expressões dêiticas será dado por pistas na situação comunicativa.

Lahud (1979) afirma que as palavras dêiticas têm significado estável, porém possuem referentes instáveis já que eles podem mudar dependendo da situação. Seguindo a trilha do autor, Ciulla fundamenta seu conceito de dêixis:

Os dêiticos são, então, índices, na medida em que se referem a objetos de maneira dinâmica, isto é, remetem ao objeto e, simultaneamente, à situação discursiva. Contudo, constituem-se também como símbolos, pois assumem um significado convencional, estabilizado, codificado na língua sob a forma de pronomes ou demonstrativos e, além disso, possuem registro em dicionário. (CIULLA, 2008, p. 55).

O referente do dêitico só adquire significado no ato de fala dentro da situação enunciativa, por essa razão Bühler (1950) chegou a afirmar que os dêiticos detêm uma “frouxidão ou indeterminação lógica”, nas palavras de Ciulla e Martins (2017, p. 81). Para as autoras, isso foi rebatido por Lahud (1979) ao confirmar que o

referente, de fato, é indeterminado, porém o dêitico a que se relaciona está determinado devido ao nexos entre o referente e a situação.

No processo referencial dêitico, o foco está na relação que se estabelece no discurso dentro no contexto da situação enunciativa. Em outras palavras, reiteramos, na subjetividade, já que o referente pode ir se transformando. Além disso, o foco também está no caráter ostensivo ao indicar no espaço e no tempo através do enunciador os objetos de discurso.

Cavalcante (2000) afirma que a dêixis é definida pela relação que se estabelece entre o indicador – que seria o enunciador, o espaço e o tempo – e o discurso, o que estamos reiterando constantemente aqui. No mesmo trabalho, ela cita Dubois, Jean *et al.* (1993) que definem o fenômeno como “todo elemento linguístico que, num enunciado, faz referência: (1) à situação em que esse enunciado é produzido; (2) ao momento do enunciado (tempo e aspecto do verbo); (3) ao falante (modalização)”. Ou seja, é no contexto da situação comunicativa também através dos dêiticos que se produz o sentido.

Carvalho (1974) adiciona à noção de dêixis, duas categorias relacionadas à mostraçã: *mostraçã ad oculos* e *anafórica*. A *ad oculos* é a situação real, em que os interlocutores precisam estar presentes na situação. A *anafórica* é a que envolve o resgate do referente no contexto linguístico.

Para Fillmore (1997), existem três tipos de uso dêitico: o gestual, o simbólico e o anafórico. O gestual se assemelha à concepção de *mostraçã ad oculos* já que se trata da situação em que somente presentes no espaço físico, os interlocutores conseguirão “acompanhar” a situação. Pode ser um olhar em direção ao referente, um gesto com a mão. No simbólico, pode-se pressupor o ponto de vista do referente sem a necessidade de pistas além das linguísticas que já estão no contexto. A noção de anafórico, é semelhante à de Carvalho, aponta outra parte do discurso e dispensa o conhecimento sobre a origem do enunciador. No entanto, Cavalcante (2000) destaca que não necessariamente o uso anafórico será sempre dêitico, já que há casos em que existe ocorrência de anáfora e não de dêixis ou vice-versa. Por isso, ela propõe um esquema que agrupa os usos dêiticos simbólico e gestual em usos anafórico e não-anafórico.

Por sua própria natureza, a dêixis é construída na situação comunicativa, partindo, especialmente, do enunciador, do local em que acontece e do tempo, portanto estas são as classificações elementares: pessoal, espacial e temporal. Revisamos as classificações existentes na seção seguinte.

2 Os tipos de dêixis

Seguindo a classificação adotada por Cavalcante (2011), temos seis tipos de dêixis: pessoal, social, temporal, espacial, textual e de memória. As dêixis textual e social foram acrescentadas aos três tipos clássicos por Fillmore (1997). Aqui, apresentamos na ordem utilizada pela autora baseando-se na sua defesa que alguns tipos de dêixis são mais básicos que outros considerando-se o critério da subjetividade.

A dêixis pessoal ocorre quando se faz uso de elementos linguísticos que indicam o enunciador/ interlocutor na situação comunicativa. Baseando-se na noção de pessoa de Benveniste (1988), Cavalcante (2000) considera como dêiticos

peçoais apenas a primeira e segunda pessoa devido à “capacidade de remeter à situação discursiva”. São os pronomes peçoais, principalmente, e os peçoais.

(1) *Eu comprei o meu carro pelo aplicativo do banco.*

No exemplo acima, temos o pronome peçoal indicando o enunciador e o peçoal reiterando-o na situação discursiva. Cavalcante (2000) aponta ainda que há situações em que as pessoas eu e tu/você aparecem de forma aparentemente impessoal. Observemos o exemplo utilizado por ela:

(2) “quando *eu* cito crítica... não é crítica:: de zombar... é crítica construtiva... alertar as pessoas... as que não tenham cultura... e as próprias a que tenham... é:: tentar resolver a/ o/ eh:: a economia desse país... tentar desenvolver um plano entre patrão... e empregado... está ganhando pouco... eu não posso pagar... então vamos acertar de uma forma... onde que o governo entre com isso... e possa acertar...”

O uso do eu poderia ser substituído pelo *se* de impessoalidade e o verbo na 3ª pessoa do singular sem prejuízo de sentido. Embora seja mais comum exemplos de uso dessa natureza com a 2ª pessoa (tu/ você).

Por ter uma relação relativamente estreita com a dêixis peçoal, a dêixis social vem atrelada a ela. Também parte dos interlocutores e consiste nos usos que se faz dos pronomes de tratamento e outras expressões que vão mostrar na situação comunicativa a relação existente entre os interlocutores, se são próximos e, portanto, se tratam de maneira íntima ou mais distantes e dessa forma, o tratamento utilizado é mais distante.

(3) Bom dia, *doutor*. O sr. recebeu os documentos que enviei ontem via e-mail?

No exemplo 3 é possível inferir que se trata de uma relação mais polida, distante, talvez retrate a hierarquia entre o empregado e o patrão. Cavalcante (2011) ratifica que toda interação é regida por regras, baseadas em comportamentos mais ou menos ritualizados. Diferentes culturas têm “rituais” distintos. Ciulla (2008) exemplifica com o tratamento utilizado no Brasil e na França para se dirigir ao professor, que aqui é chamado de *professor* enquanto lá é chamado de *senhor* (monsieur).

A dêixis temporal é o uso que se faz de palavras ou expressões para marcar o tempo de enunciação da mensagem. Há que se chamar atenção para o fato de que nem toda expressão que denote tempo será necessariamente dêitica. Para tratar de dêixis temporal se faz necessário, segundo Fillmore (1997) diferenciar o tempo em que a mensagem é enviada – *encoding time* – do tempo em que é recebida – *decoding time*, o tempo do enunciador e do destinatário.

(4) Todo *domingo* vou à missa.

(5) *Próximo domingo* é meu aniversário.

Nos exemplos, apesar de ter sido utilizada a mesma expressão, temos um uso dêitico e outro não dêitico. Em 4 não é necessário conhecer o tempo da enunciação na situação discursiva para identificar o referente. Já em 5, faz-se necessário saber quando a mensagem foi proferida. Ou seja, no último caso, o ponto zero é o tempo e sem conhecê-lo não se alcança o sentido completo, não há como identificar a qual domingo o enunciador se refere sem conhecer o *enconding time*.

Quando se fala em dêixis espacial, da mesma maneira que na dêixis temporal, podemos ser levados a pensar que toda expressão que indique tempo será dêitica, mas não necessariamente. Somente nos casos em que para entender a situação enunciativa for preciso conhecer o lugar de enunciação, o lugar do interlocutor. Conforme Bühler (1950), nesse tipo de uso dêitico fica claro que a orientação espacial parte do enunciador/interlocutor, percebemos o mundo segundo nossa orientação.

Lyons (1977) dividiu as entidades em três dimensões: automóveis, móveis e imóveis. As entidades automóveis são os animais, inclusive o homem, as móveis são os objetos e as imóveis são elementos estáticos como casas, prédios, montanhas. Sousa admite que apenas as primeiras marcam, por si só, o campo dêitico. Cavalcante (2000) argumenta que com as entidades imóveis e móveis o campo dêitico é marcado pelo enunciador. O interlocutor será orientado no espaço baseando-se na mensagem emitida pelo falante.

(6) O prédio verde está do seu *lado esquerdo*.

(7) “Pra você ter uma ideia, o nosso coração que fica bem centralizado, ele fica com a ponta para o *lado esquerdo*. Por esse motivo que o pulmão do *lado esquerdo* é um pouco menor.”

No exemplo 6 é necessário saber o ponto zero do falante para identificar espacialmente o referente, temos, portanto, o uso dêitico da expressão em destaque. Em contrapartida, no exemplo 7 o uso da mesma expressão não é dêitico, já que existe um consenso que no próprio ser humano existe um lado esquerdo independentemente da posição que se adote. Por isso não é preciso localizar a origem do enunciador para que o sentido esteja completo.

Os dêiticos textuais, ora chamados de discursivos por Cavalcante, são expressões trasladadas do campo dêitico tradicional para o campo textual, são elementos linguísticos que localizam porções do discurso dentro do cotexto. Na verdade, alguns autores – como Lyons e Apothelóz – preferem nomeá-la dêixis textual, porém Cavalcante (2000) adota a seguinte postura: de forma geral, fala dêixis discursiva e a classifica como dêixis textual o subtipo que desempenhar função metatextual. Em algumas situações são expressões dêiticas de lugar, como: *acima*, *abaixo* ou de tempo como em: *no último parágrafo*, *na próxima seção*. A diferença entre os usos dêiticos espacial e temporal e o textual é que a situação, nesse último caso, não acontece em um espaço físico real, mas sim dentro do texto. Esse tipo dêitico começa e finda no texto. Ou seja, são referentes no texto apontando para o próprio texto.

Na dêixis textual, um referente que pode vir dissolvido no cotexto ou resumido numa expressão, é o uso *metatextual* em que se usa o texto para falar dele mesmo e dá continuidade ao raciocínio através do resgate de um trecho anterior.

Dessa maneira, contribui-se para a coesão textual. É exatamente esse tipo dêitico apontado por Cavalcante como híbrido. Pois além de ser anáfora, já que retoma um objeto de discurso mencionado antes no contexto, também é dêitico ao apontar outra porção textual. Levinson (1985, p. 85) conceitua: “A dêixis discursiva ou textual concerne ao uso de expressões dentro de um enunciado para referir a uma porção do discurso contida neste enunciado (o que pode incluir até a ele próprio)”.

- (8) “A reportagem apurou que a mulher visitou a **Casa Dom Inácio de Loyola**, onde João de Deus fazia atendimentos espirituais, várias vezes e sempre acompanhada de um namorado. *Em uma dessas ocasiões*, ela ficou sozinha com o médium em uma sala para a consulta espiritual. Com as luzes apagadas, João de Deus teria começado a tocar próximo à região íntima da denunciante que, neste momento, percebeu que ele estaria com o órgão sexual exposto.”

No exemplo 8 temos o uso da dêixis textual na expressão *em uma dessas ocasiões* com o apontamento para uma porção anterior do texto e o resgate do referente. Simultaneamente há o uso de anáfora ao retomar um referente mencionado anteriormente. É comum o uso de pronomes demonstrativos e palavras circunstanciais em expressões dêitico-textuais.

O último tipo de dêixis abordada por Cavalcante (2011) é a de memória que se refere a expressões que exigem um resgate do conhecimento compartilhado na situação comunicativa a que se faz referência, não mencionado no cotexto. Faz-se um apontamento para uma situação anterior conhecida pelos interlocutores.

- (9) Lembra *daquela nossa viagem* para São Paulo?

Um SN demonstrativo pode referir-se *in absentia*, quer dizer, na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa. (...) concordamos em descrever este tipo de demonstrativo dizendo que ele consiste em evocar um referente cuja evidência é tal, para o locutor, que ele equivale a um referente que acabou de ser evocado no próprio texto. (APOTHELÓZ, 1995, *apud* CIULLA 2002, p. 35).

No exemplo 9, a expressão “*daquela nossa viagem*” evoca o conhecimento compartilhado de um referente anterior não mencionado na situação comunicativa. O uso do demonstrativo indica distanciamento, a ação teve lugar em outro tempo. Ciulla (2002) defende que a indicação de onde pode ser encontrado o referente acontece na memória, sem remissão ao cotexto.

O referente é tão evidente para o enunciador que é como se já tivesse sido mencionado no contexto. O destinatário tem a impressão de que a informação lhe é imediatamente acessível, não obstante se tratar de um processo referencial *in absentia*. (APOTHELÓZ, 1995, *apud* CAVALCANTE, 2000, p. 128).

Cavalcante (2000) incluiu a dêixis de memória no tipo discursiva que não era exatamente a definição adotada pela mesma autora em 2011. Na pesquisa anterior, foi traçada uma diferença entre os “anafóricos de memória” e os “dêiticos discursivos de memória”. Enquanto aqueles se comportavam como dêiticos ao trazerem novamente o referente para o foco e dar-lhes atributos já conhecidos pelos interlocutores, estes resgatam um referente resumindo trechos anteriores e ampliam a referência. A autora argumenta que o acesso ao conhecimento compartilhado é mais frequente na anáfora que na dêixis discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de natureza essencialmente bibliográfica teve como objetivo mostrar o estado da arte do processo referencial dêixis, partindo das pesquisas realizadas, em especial, por Cavalcante (2000, 2011) e Ciulla (2002, 2008). Assim como nos demais processos, o objeto de discurso é construído a partir da interação entre os interlocutores na situação comunicativa, ou seja, todos partem da referenciação.

De certa maneira, hodiernamente pode-se afirmar que existe um consenso quanto às classificações dêiticas abordadas aqui. O uso dos dêiticos, apesar de passar despercebido por muitos de nós, tem uma contribuição fundamental na construção do texto e na sua coesão.

A dêixis, conforme já comentado antes, se assemelha bastante à anáfora em algumas situações, porém um dos principais traços que as distingue é o da mostração que parte sempre da perspectiva de quem enuncia algo. Cientes das possíveis lacunas existentes, propomos que os estudos de dêixis sigam avançando nas classificações e na reflexão sobre o uso cada vez mais consciente da linguagem humana.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Editora da USP, 1976.

BUHLER, Karl. *Teoría del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, 1950.

CARVALHO, José Herculano de. *Teoria da linguagem*. Tomo II, Coimbra, Atlântida Editora, 1974.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.44, p. 105-118, 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CIULLA, Alena. *A referenciação anafórica e dêitica* – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CIULLA, Alena; MARTINS, Mayara A. Um estudo sobre classificação de tipos dêiticos. *Revista de Letras – Centro de Humanidades*, Fortaleza, v. 2, n. 36, jul./dez. 2017

FILLMORE, Charles J. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1997.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LYONS, John. *Sémantique linguistique*. v.2. Canada: Librairie Larousse, 1977.

MONDADA, Lorenza.; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (org). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 17-52.

Para citar este artigo

SANTOS, Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira. Dêixis: construindo um passeio teórico. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 168-176, jan.-abr. 2022.

A autora

Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira Santos é professora de língua espanhola no Colégio Técnico de Floriano (CTF-UFPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3052-6428>.